

Memórias do Silêncio: Uma Análise Historiográfica das Vivências Lésbicas em Belo Horizonte (1970-1990)

124

Janice Aparecida Souza ¹
Alessandra Sampaio Chacham ²

Resumo

O artigo busca refletir sobre processos de exclusão de lésbicas na cidade de Belo Horizonte passando pelos guetos nos quais elas podiam vivenciar seus proibidos afetos, em plena ditadura civil-militar (1964- 1985). Dentre esses guetos a “Rua da Lama” se destaca por ter congregado volume considerável de bares que acolhiam dissidentes sexuais, eles serviram como espaços de socialização onde elas buscaram amizade, amor, romance e sexo, Tais territórios foram fundamentais, pois ocupam lugar central no processo de socialização por permitirem a ostentação de uma identidade social divergente do modelo binário de gênero. A pesquisa se ancorou em vinte e uma entrevistas em profundidade, utilizando a técnica do “snowball”. As análises foram feitas tendo como pressupostos teóricos o pós-estruturalismo feminista e os estudos decoloniais. Concluímos que, sem os poucos bares e boates disponíveis na cidade à época para o público homossexual, a visibilidade da homossexualidade feminina teria sido praticamente inexistente na tradicional e conservadora capital mineira da época.

Palavras-chave: Dissidências sexuais – Estigma – Gueto – Lésbicas
– Rua da Lama

Recebido em: 02.06.2026
Aprovado em: 02.07.2026

¹ Professora na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Mestra em Educação (UFMG) Doutora em Ciências Sociais pela PUC-Minas. janice.souza@uemg.br. <https://orcid.org/0000-0002-2572-4385>

² Professora-adjunto nível IV do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Doutora em Demografia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. E-mail: achacham@pucminas.br. <https://orcid.org/0000-0002-6651-9863>.

Memories of Silence: A Historiographical Analysis of Lesbian Lives in Belo Horizonte (1970–1990)

125

Abstract

This article examines the processes of exclusion faced by lesbians in the city of Belo Horizonte, focusing on the "ghettos" where they navigated forbidden affections during the civil-military dictatorship (1964–1985). Among these spaces, the "Rua da Lama" stands out for its concentration of bars that welcomed sexual dissidents, serving as vital spaces of sociability for friendship, love, romance, and sex. These territories were fundamental, occupying a central place in the socialization process by allowing for the performance of social identities that diverged from the gender binary. The research is based on twenty-one in-depth interviews conducted using the snowball sampling technique. The analysis is grounded in the theoretical frameworks of feminist post-structuralism and decolonial studies. We conclude that, in the absence of the few bars and nightclubs available to the homosexual public at the time, the visibility of female homosexuality would have been virtually non-existent in the traditional and conservative capital of Minas Gerais, Brazil.

Keywords: Sexual dissidence – Stigma – Ghetto – Lesbians – Rua da Lama

Introdução

O presente trabalho pretende, a partir de territórios geograficamente delimitados, refletir acerca de processos de exclusão de mulheres lésbicas na cidade de Belo Horizonte considerando, necessariamente, os territórios nos quais elas podiam vivenciar seus proibidos afetos, à revelia dos rigorosos olhares da tradicional família mineira, relativamente protegidas da vigília da moral e dos “bons” costumes apesar do regime ditatorial vigente.

Dentre os poucos territórios disponíveis, percorreremos alguns guetos e daremos destaque à Rua da Lama. Ela integrou a cena lésbica Belorizontina e concentrou, em um quarteirão da cidade, volume considerável de bares que acolheram dissidentes sexuais e serviram como espaços de socialização onde

buscaram amizade, amor, romance e sexo, em plena ditadura civil-militar (1964-1985).

A despeito de ser a homossexualidade feminina um campo de pesquisa ainda pouco explorado no Brasil, e, de acordo com Wittig (2022), um ponto nevralgico para a manutenção da heterossexualidade, alguns trabalhos vêm colocando em pauta várias questões, dentre elas a invisibilidade, que se intersecciona com outros marcadores além das questões de sexo e gênero, tais como idade, estratificação social, raça e outros que atuam juntos (Navarro-Swain, 2004; Carneiro, 2019; Crenshaw, 1991; Falquet, 2006).

Sobre os territórios pelos quais transitaram as homossexualidades femininas, no período de 1970 a 1990 pouco se sabe, menos ainda sabemos sobre períodos anteriores, o público é bastante reservado, como é comum às mulheres da geração em tela. Nosso estudo se concentrou na área mais central, é preciso explorar as franjas da cidade, lançar luz sobre outras vidas e territórios.

Historicamente, o espaço público sempre foi território destinado aos homens, e o privado às mulheres. Com relação aos homossexuais, homens e mulheres usaram os espaços, sejam eles públicos ou privados, de maneira distinta. É sabido, por exemplo, que territórios de “pegação” se relacionam muito mais com um universo socialmente construído para os homens.

Para universo lésbico feminino, os territórios constituíram-se em guetos³, cujo conceito com o qual trabalhamos, tem sua origem na Escola de Chicago, a partir do clássico livro “The Ghetto” de Louis Wirth (1928, p. 6), na obra o autor amplia a noção do gueto judeu a outros guetos. Ainda, os estudos de Wacquant (2001, 2004), para quem o gueto abarcaria quatro elementos constitutivos: o limite, o confinamento espacial, o encapsulamento institucional e o estigma, sendo este último característica central para ambos os autores. Wacquant chama a atenção para a ausência de consenso quanto ao conceito de gueto nas ciências sociais e para o seu recorrente uso como no senso comum, o que “explica o fato de o conceito, que parece óbvio, não aparecer em grande parte dos dicionários de Ciências Sociais, (2004, pag. 155).

Quanto ao estigma, encontramos conceito e consistentes reflexões na obra de Goffman “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1963). O estigma se constitui no elemento central na aglutinação de pessoas em

³ Gueto é um termo polissêmico que vem sendo aplicado de maneiras distintas em diferentes campos do conhecimento. Cientes da impossibilidade de um conceito unificador, neste estudo o consideramos em sentido amplo e em consonância com o objeto em estudo.

guetos, uma vez que ele oferece um território relativamente seguro para pessoas estigmatizadas, como é o caso da geração de mulheres que entrevistamos. Nos guetos elas se encontravam e tentavam se proteger das recorrentes violências físicas e simbólicas, comuns às pessoas estigmatizadas. Soma-se ao estigma que lhes era imposto, o peso da dissidência do sistema sexo-gênero, em uma sociedade marcada pela heteronorma e pelo clássico tripé presente na sociedade brasileira de defesa da tradição, da família e da propriedade (TFP), muito presente em Minas Gerais, cenário que enredou o grupo em um confinamento moral e espacial compulsório.

A forma como mulheres da geração em tela era nomeada ilustra a violência que sofriam: fanchona, lorão, mulher macho, pata, maria sapatão, gueia, gaya, chuma, paraíba, sandalinha, melissinha, caminhoneira, rachada, borracheira, sapata, bofinho, machona, tomba homem, greluda, sindicalizada, do babado, sapatão! Tais denominações estigmatizam, rotulam, classificam, hierarquizam e ofendem.

Metodologicamente falando

Para acessar esse restrito universo não heteronormativo, mais amplamente explorado na tese que dá origem a este texto, entrevistamos 21 lésbicas⁴. A multiplicidade de relatos colhidos foi ampla demais para caber em sínteses, mas coube como moldura de um retrato panorâmico, cuja luz que sobre ele incide ilumina um fractal, com complexas estruturas e propriedades, se repete em escalas e reverbera em exclusões, estigmas e marginalizações sob quaisquer teorias que escolhamos para estudá-las. O resultado da pesquisa se apresentou como um mosaico polifônico, um “retrato falado” de uma geração de lésbicas, de diferentes origens, nascidas entre as décadas de 1930 a 1960, que viveram na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais.

No retrato falado, como inicialmente concebido no final do século XIX pelo médico francês Alphonse Bertillon (1853-1914), buscava-se identificar e classificar criminosos/as, tomando-se como base depoimentos e dados fisionômicos apresentados pelas pessoas que viram determinado indivíduo. O/a artista, a partir do que lhe é relatado, produz o retrato falado propriamente dito,

⁴ Vide “Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado. (2022)”.

técnica usada pelas agências judiciais e policiais na busca de solução de casos criminais.

Neste artigo, sem ignorar que a homossexualidade ocupa ainda um lugar marginal, já tenha sido e ainda seja considerada crime em alguns países, buscamos positivar a técnica conhecida como bertillonage, sistema que aplicou vários princípios da antropologia e que, a partir da descrição de um indivíduo, desenha um outro. A técnica é empregada como reforço no processo investigativo. Na nossa pesquisa fizemos uma abstração da técnica original e a incluímos no percurso metodológico.

O acesso às participantes da pesquisa só foi possível graças à convivência da pesquisadora, por cerca de 25 anos, com uma parte do universo pesquisado, tempo de escuta de muitas histórias, algumas trágicas e dolorosas, outras engraçadas. Para realização da pesquisa foram entrevistadas lésbicas na faixa etária entre 60 e 90 anos à época. As primeiras entrevistas, e as indicações para as próximas, foram obtidas em um processo conhecido por *snowball* ou bola de neve, no qual uma entrevistada indica outras com as mesmas características e, assim, sucessivamente.

A técnica permite a aproximação de grupos de difícil acesso, essas mulheres, atualmente idosas viveram em uma cidade bastante conservadora e mantêm suas reservas quanto à questões de foro íntimo. A técnica utilizada nos permitiu “estudar questões delicadas, de âmbito privado e que, portanto, requerem o conhecimento das pessoas pertencentes aos grupos ou reconhecidos por essas para localizar informantes para estudo.” (Vinuto, 2014, p. 203).

Trabalhamos com as histórias de vida de vinte e uma mulheres e compactuamos o entendimento de Fortunato Mallimaci e Verónica Béliveau (2006), de que as histórias de vida nos permitem conhecer o social por meio do indivíduo com base nas experiências vividas, sendo necessário apenas que seja parte da comunidade que é estudada. As entrevistas foram realizadas individualmente, algumas filmadas outras apenas com gravação de áudios. Os dados foram analisados tendo como pressupostos teóricos o pós-estruturalismo feminista e os estudos decoloniais a partir de técnicas de codificação para identificar temas e padrões emergentes nas respostas das participantes.

As entrevistadas, como será possível constatar em alguns depoimentos, se mostraram reféns dos únicos referenciais identitários que conheciam e de que

tinham consciência: elas “formavam um casal no modelo hétero, mas dentro da homos sexualidade” (Capitu). Elas reproduziram esse padrão em lugar de combatê-lo, sem que houvesse questionamentos. Era como se estivessem inventando algo, mas reféns do que conheciam, imersas em um mundo binário e heterocentrado, que limitava suas possibilidades. De acordo com Monique Wittig (2022), os discursos que oprimem são os que pressupõem que o fundamento da sociedade, qualquer sociedade, é a heterossexualidade; são discursos que negam toda e qualquer possibilidade de se criar categorias próprias. De forma distinta de pessoas heteros sexuais e cisgênero, para as quais há abundantes referenciais e modelos.

Para aproximação no campo, a metodologia utilizada foi qualitativa, com uma abordagem que se concentra na compreensão e interpretação de fenômenos sociais complexos, tendo em vista que o objetivo foi descrever e analisar percepções, opiniões e comportamentos das entrevistadas, tendo como foco central a análise quanto à qualidade e ao significado atribuído por elas sobre o vivido. A coleta de dados foi feita por meio de entrevistas semiestruturadas em profundidade (Bauer; Gaskell, 2002).

A partir das histórias de vida coletadas foi possível conhecer os territórios e os recursos sociais empregados na construção de suas identidades e as redes de sociabilidade que possibilitaram contatos com seus pares e, conseqüentemente, suas vivências homoafetivas.

Nos guetos da vida

O gueto era o território no qual elas se sentiam mais seguras e livres do estigma. É possível considerar um território a partir das interações humanas que se dão em um determinado espaço físico, mas também, como afirmam Guattari e Rolnik (1996), enquanto território existencial, relativo tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente ‘em casa’. Nesse sentido, o território seria sinônimo de apropriação e de subjetivação, um conjunto de representações nas quais desemboca uma série de comportamentos e investimentos que podem ser sociais, culturais, estéticos e cognitivos, abarcando dimensões imateriais e simbólicas.

Os territórios são aqui entendidos, também, como cenários que compõem o pano de fundo que retrata o que foi vivenciado por mulheres invisíveis e

marginais, na melhor expressão que o termo possa ter. Eles se constituíram em locais nos quais elas amalgamaram modos de ser e agir, mediados por relações que possibilitaram condutas relativamente livres dos modelos socioculturais e binários preestabelecidos.

Pensar o espaço geográfico desde a perspectiva de grupos sociais cujas identidades sexuais são alvo de discriminação implica ultrapassar a ideia de um espaço fixo, material ou passível de ser compreendido por uma perspectiva sincrônica em que partes e todo apresentam uma coerência. Pelo contrário, a existência homossexual em uma sociedade homofóbica implica reconhecer um espaço que é simultaneamente um elemento de negação e possibilidade de existência de sexualidades não heteronormativas. (Lenzi; Silva, 2018, p. 118).

Ainda de acordo com as citadas autoras Maria Helena Lenzi e Joseli Maria Silva, “as concepções de espaço estão imbricadas com a visibilidade ou invisibilidade lésbica. Não há como separar o espaço das constituições identitárias, havendo uma interdependência entre ambos” (Lenzi; Silva, 2018, p. 119). O contato com a literatura especializada colocou em pauta, inicialmente, a invisibilidade da homossexualidade feminina.

Tateando entre o visível o invisível e o hipotético, começamos nossa a imersão no universo lésbico belo-horizontino, movimento que trouxe à tona, dentre nossas inquietações e questionamentos, o desejo de saber como e por quais territórios elas transitaram.

Assim chegamos à “Rua da Lama”, um dos territórios onde muitas mulheres que gostavam de mulheres costumavam transitar e construir relações e representações a partir de sonhos, desejos, referências e preferências comuns. Há que se considerar o regime ditatorial vigente no Brasil entre os anos de 1964 a 1985 e que as mulheres entrevistadas viveram boa parte de suas juventudes nos anos de chumbo, período de intensas restrições de liberdades. Em tal contexto, os territórios foram fundamentais, pois neles pessoas marginalizadas podiam encontrar algum refúgio e apoio entre iguais. No caso específico de homossexuais, eles ocupam um lugar central no processo de socialização por permitirem a ostentação de uma identidade social divergente do modelo binário de gênero. Afinal, a família, a escola e o ambiente de trabalho, principalmente na geração pesquisada, eram espaços pouco acolhedores e por vezes um tanto hostis às sexualidades dissidentes, com aquelas que optaram por performar suas identidades de forma mais masculina, tanto mais.

Para participar da pesquisa, selecionamos lésbicas com idade acima de 60 (sessenta) anos que tivessem frequentado os bares e as boates disponíveis na cidade dentro do recorte de tempo proposto. À medida que as entrevistas foram sendo realizadas, alguns contornos comuns foram se delineando, o que nos levou a agrupá-las em três categorias, tendo em vista facilitar o entendimento de universos distintos e intercambiáveis.

Assim, no primeiro grupo trabalhamos com as jovens de outrora que integraram um conhecido grupo na cena lésbica belorizontina, o Vila Sésamo, parte das mulheres que o compunham mantêm relações de amizade que remontam à adolescência⁵. Na velhice, algumas delas criaram para si uma Confraria. Neste grupo foram entrevistadas nove, cujos pseudônimos foram selecionados em conhecidas obras literárias mundiais: Jane Eyre, Bovary, Capitu, Caubi, Karenina, Lolita, Macabéa, Nastasya e Úrsula. No segundo agrupamos as frequentadoras dos bares e boates que a cidade dispunha para receber o público homossexual, foram seis mulheres identificadas com nomes de flor: Gerânio, Magnólia, Margarida, Orquídea, Rosa e Tia Violeta. Por fim, no terceiro constam as mulheres que foram proprietárias de bares e boates destinados a receber o público homossexual, entrevistamos cinco, identificadas por nomes de deusas mitológicas: Afrodite, Ártemis, Atena, Hera, Perséfone, e uma garçonete, Deméter, que trabalhou, ao longo de 35 anos, em algumas das casas disponíveis ao público lésbico. Incluímos também Hela, embora falecida, seus bares e boates deixaram considerável legado nas memórias de muitas. Neste grupo três tiveram bares na Rua da Lama: Hela, Hera e Atena. Esta última foi proprietária do bar “Em Cima da Hora”, mais conhecido como “Bar da Mariinha”, mulher que se orgulha de ter nomeado o quarteirão como “Rua da Lama”.

A classe social à qual pertenciam se mostrou múltipla e variada nos três segmentos, o fato de haver apenas duas pretas na amostra pesquisada, uma no grupo das deusas outra no grupo das flores, é um elemento a distinguir o grupo da literatura - Vila Sésamo, como mulheres com capitais econômicos, culturais, familiares e *habitus* mais homogêneos (Bourdieu, 1977).

Apesar das diferenças socio culturais e econômicas, iam todas aos mesmos lugares, com frequências distintas. havia poucas opções.

⁵ Há uma dissertação – “Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte” (1995), defendida por Tamara Teixeira de Carvalho na UNICAMP em 1995 que cita o grupo Vila Sésamo.

Embora Belo Horizonte seja conhecida como a capital dos bares, para lésbicas eles foram poucos no período pesquisado e havia o risco de exposição que muitas preferiam evitar diante dos transtornos e constrangimentos que poderiam acarretar.

O bar sempre dava aquele pequeno temor – quem vai entrar ali e vai me ver aqui, num lugar assim?! Na boate, a gente já se sentia mais segura, vamos dizer, de estar ali e poder ficar à vontade. (Jane Eyre, 65 anos)⁶

Nos bares se sentiam ainda mais vulneráveis, mesmo que evitassem qualquer demonstração de afeto em público. Nas boates, assim como também nos bares, sempre havia o risco de encontrar alguma pessoa conhecida, a tensão era frequente.

Lolita, ao refletir sobre os impactos do período ditatorial, afirma que não se tratava apenas de “uma censura política, era de hábitos também, de locais. Os homossexuais tinham que se esconder”. A maioria das entrevistadas endossa a percepção de Lolita e acrescenta que a busca por drogas e usuários delas era frequente nos territórios que frequentaram.

Ártemis relata que todos os bares e boates tinham como característica comum uma escada para subir ou uma escada para descer, como se as escadas fossem um tipo de passagem para um lugar reservado e proibido.

Os bares da Rua da Lama ocupavam parte de um quarteirão na rua Sergipe, área nobre da cidade, o entorno abriga, em tempos atuais, vários equipamentos de cultura, dentre eles o Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Seja procurando drogas, seja procurando pessoas “menores de idade”, seja em busca de alguma vantagem, ou por causa das brigas, a tropa policial marcava presença.

Perséfone disse ter presenciado brigas frequentes nas casas noturnas que frequentou. Gerânio conta que tinha briga “demais da conta! O pau comia”. Quem não brigou, presenciou ou teve uma amiga próxima na briga, foi exceção. Os guetos eram poucos e as caras “sempre velhas, não por estarem envelhecidas, mas por serem as mesmas” (Rosa, 61 anos).

⁶ As idades referem-se às que as entrevistadas tinham quando deram as entrevistas, entre os anos de 2020 e 2022

As brigas apareceram de forma intensa nas entrevistas. Para MacRae (2018, p. 321), as lésbicas muitas vezes “transformavam-se em caricaturas de homens” cujos “valores geralmente imperantes entre elas eram de um machismo exacerbado, sendo frequentes as brigas violentas entre fanchonas [...] porque uma teria tentado ‘roubar’ a mulher da outra”.

As brigas por ciúme derivam do sentimento de posse comuns em relações cujo referencial machista impera, eram comuns em seus guetos, mas em ambientes sociais heterossexuais eram lésbicas invisíveis, uma forma de escapar às violências físicas e simbólicas às quais estavam sujeitas.

Tia Violeta, assim como a grande maioria, relata que quando não estavam no centro da briga, estavam ajudando a que brigava ou na plateia, assistindo ou tentando separar.

Margarida, assumidamente a mais brigona dentre as entrevistadas, conta que “arrumava muita confusão [...]. Quando era da sua galerinha e você gostava e tal, você entrava no trem. (Margarida, 70 anos)

Nastasya disse ter presenciado muitas brigas e acha que “ciúme é uma coisa muito séria, mais ainda quando misturado com bebida alcoólica”. Deméter, que muito presenciou durante sua longa trajetória trabalhando como garçoneiro em casas noturnas para o público lésbico, relata:

Nossa! Eu já vi briga demais! E até hoje eu não entendo o que era e de onde vinha essa agressividade, principalmente por parte das sapatões mais masculinizadas. Eu não sei se elas queriam mostrar uma postura masculina. [...] Eu sei que tinha muita briga por qualquer coisa, ciúme, esbarrar, tudo era motivo para briga. Tinham muitas brigas violentas. De pegar a garrafa, quebrar e bater. Tinha intervenção da polícia... (Deméter, 61 anos)

Belo Horizonte, embora seja a sexta capital brasileira mais populosa, segundo dados de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), é uma cidade que guarda aspectos um tanto provincianos. Quando se faz parte de um grupo com “bandeiras” comuns, as pessoas acabam se conhecendo, diferentemente do Rio de Janeiro e São Paulo, por exemplo, cidades mais arejadas. Inclusive, devido ao número maior de atrativos e intercâmbios turísticos que essas cidades dispõem, pode-se pensar em algum anonimato possível. Em Belo Horizonte, os guetos eram comuns, poucos e próximos.

Quando a gente está falando de um grupo lésbico, todo mundo é amigo de todo mundo; todo mundo conhece todo mundo; todo mundo transa

com todo mundo, o negócio vira uma mistura ali num certo momento, então acontece muito esse troca-troca. Acontecia, né[?]. Muito troca-troca, muito traição, muito ti-ti-ti, isso era frequente, e muita porrada, né[?]. O pau quebrava também, as traídas ficavam furiosas. Batiam umas nas outras, às vezes a mulher batia na namorada, já presenciei nega sentando porrada, quebrando os óculos na cara da outra, tinha de tudo. Mas esses eram os momentos de maior tensão. (Jane Eyre, 65 anos)

Belo Horizonte, mais especificamente a região centro-sul da cidade, teve poucos espaços para abrigar dissidentes sexuais no período compreendido entre os anos 1970 – 1990, e alguns fatores podem nos ajudar a compreender as razões, o central deles deve-se ao lugar marginal e estigmatizado destinado às lésbicas da geração pesquisada. Nas palavras de Capitu (66 anos), elas eram “tratadas como doentes e pervertidas, párias da sociedade. Um horror! A sociedade hipócrita sempre nos tratou com nojo e desrespeito”. Soma-se a esse depoimento o período de intensas restrições à qual a sociedade brasileira esteve submetida durante o período ditatorial e, ainda, a região sobre a qual a pesquisa se ateve, a conservadora Belo Horizonte com suas tradicionais famílias mineiras.

Walderez Ramalho (2015), ao estudar a origem do essencialismo identitário da mineiridade na primeira metade do século XX, recorre à obra *O homem e a montanha* (1944) do também historiador itabirano João Camillo de Oliveira Torres, que investigou as consequências da presença da montanha na formação do “caráter mineiro”. Para este autor a “montanha aparece como elemento determinante. Ela impõe certos valores, práticas e formas de viver em comum, destacando-se a sobriedade, a moderação e a aversão aos extremismos” (RAMALHO, 2015, p. 256).

Ainda que tais estudos gerem controvérsias, seja entre as montanhas ou para além delas, historiadores comumente encontram vestígios de algum registro sobre a homossexualidade feminina nos discursos médicos e nos documentos produzidos pela instituição eclesiástica no Brasil, principalmente nos autos da Inquisição. Para a historiadora Cláudia Oliveira (2015), dentro da tradição misógina da igreja poucos foram os processos contra as mulheres lésbicas; seus atos sequer eram registrados com a mesma gravidade dos crimes e pecados cometidos pelos homens. A consequência do desinteresse da igreja pelas mulheres que mantinham relações sexuais com outras mulheres resultou na sua “grande invisibilidade enquanto sujeitos históricos, mesmo que adjetivadas pejorativamente e consideradas pecadoras ou criminosas”. Ainda de acordo com

a autora, a invisibilidade lésbica ficou mais evidente “quando a inquisição retirou a condição sodomítica às mulheres, em 1642.

A falta de interesse relativa às práticas sexuais realizadas entre mulheres resultava em indefinições quanto à conceituação de seus atos ou mesmo de suas próprias identidades e definições como pessoa” (OLIVEIRA, 2015, p.5). Em síntese, a homossexualidade feminina sai do âmbito do pecado e do crime para ser alçada à categoria de doença mental, deixando cravadas as suas marcas e gerando desdobramentos.

Ainda assim três mulheres tiveram a coragem e a ousadia de capitanear a cena lésbica Belorizontina: Norma Sueli / Hela (boate Chez Eux); Mani / Hera (bar Marrom Glacê e boate Plumas e Paetês) e Mariinha / Atena (Bar da Mariinha ou, Em Cima da Hora), conforme já dito, as três tiveram também, em momentos distintos, bares na Rua da Lama⁷.

Foi nesses territórios que mulheres marginais, e muitas vezes invisibilizadas, amalgamaram modos de ser e agir e encontraram espaço para condutas relativamente livres de modelos socioculturais preestabelecidos e construíram relações e representações a partir de seus sonhos, desejos, referências e preferências.

[...] às vezes passava as tardes jogando [sinuca] e, num movimento bastante típico, enchendo a cara e fumando desesperadamente”. Nesse período havia concluído que o fato de existirem outras pessoas como eu alterava a vida de uma forma que não me agradava. Em meu voo solitário podia imaginar mundos diferentes, sonhar utopias mil, criar espaços livres e até acreditar que poderia viver entre os normais seres humanos, porque, afinal, embora diferente, era um deles. (Rosa, 61 anos)

Ignorando convenções sociais impostas, jogos e bebidas sempre estiveram presentes. Entre as entrevistadas, apenas uma era abstêmia; as demais beberam muito na juventude. Jogos como pôquer, truco e sinuca, atribuídos como legítimos no universo masculino, as mobilizavam em torno da mesa, prática trivial entre a maioria delas.

Pavimentar caminhos para a vivência de suas dissidentes sexualidades em tempo histórico tão restritivo à homocultura e da constante opressão do sistema cis-hetero-patriarcal impôs às jovens lésbicas de outrora seus desafios. Não se

⁷ Embora tenhamos optado por usar pseudônimos, os nomes reais das pioneiras no segmento de bares e boates foram usados em alguns trechos por já terem sido referenciados em trabalhos anteriores e porque foram explicitamente autorizados, exceto por uma delas, já falecida.

pode ignorar o peso do patriarcado, da moral cristã e da heteronorma a pesarem sobre as sexualidades dissidentes, em território geograficamente ocupado por católicas e tradicionais famílias mineiras⁸.

A Rua da Lama foi um episódio à parte. Frequentei bastante aqueles bares, principalmente no happy hour. Era gostoso, as mesas ao ar livre; os seres eram os humanos; não tinha aquele cheiro impregnado de sodomia –bebida, cigarro e sexo; se havia, eram poucos os olhares de ‘vou te dar o bote’... Foi um período gostoso, mas que, como todos os outros espaços, passou. Não sei o porquê, não sei quando, simplesmente passou. [...] É como se o grupo só se interessasse pelo novo. (Rosa, 61)

“Rua da Lama era a pocilga da vida”, lugar onde ela “passava de carro ou de motocicleta pra olhar a decadência”. Margarida (70 anos)

Rua da Lama, “a gente chamava de baixaria [...] (Ártemis, 64 anos)

Os três depoimentos acima transcritos nos permitem acessar diferentes perspectivas sobre um mesmo território. Em que pesem as distintas opiniões, todas as 21 entrevistadas passaram pela Rua da Lama em algum momento e algumas a frequentaram mais assiduamente.

Importante destacar a coragem tanto das pioneiras que abriram os primeiros bares quanto de quem os frequentou. Algumas só iam a ambientes fechados, onde ficavam protegidas, não conseguiram se expor na rua, como podemos constatar no relato “eu não sabia nem que havia um ambiente assim, pra entrar era uma dificuldade, aquele medo de as pessoas verem” ... A gente ficava do outro lado da rua calculando o momento para entrar”. (Perséfone, 83 anos)

A vigiada liberdade teve seus custos. De acordo com Quinalha (2017, p. 179), “não bastava fugir dos policiais, era também preciso, na maior parte das vezes, pagar-lhes subornos e propinas”. A prática da extorsão das vítimas e de

⁸ Das 21 entrevistadas na tese que oferece subsídios para este trabalho, vinte têm suas origens em famílias católicas e dezoito pertencem a tradicionais famílias mineiras. As três que nasceram em outros estados brasileiros eram igualmente oriundas de famílias católicas e se mudaram ainda jovens para Belo Horizonte.

suborno das autoridades era normalizada e difundida quando o assunto eram “infrações” que transitavam entre o questionável “ilícito” e o suposto “imoral”.

Ainda que o cenário ditatorial tenha dificultado sobremaneira a sobrevivência dos bares que acolhiam dissidentes sexuais, eles tiveram um papel central para a socialização e para o atual cenário. Ao serem perguntadas sobre algum legado que a geração delas teria deixado para as novas gerações, são praticamente unânimes. No universo considerado, há convergência entre elas: a percepção é de que foram as primeiras e que abriram as portas, que deixaram a liberdade. Ártemis faz uma breve ressalva: “apesar de nenhuma fazer parte de nenhum movimento grande, nós abrimos as portas”.

Se hoje as jovens lésbicas conseguem se posicionar de uma forma mais explícita, há uma estrada aberta, caminho que foi percorrido por suas antecessoras.

Se eles hoje têm toda essa liberdade de ir e vir, de ter bares abertos – nossos bares eram bares fechados, boates fechadas – ter bares abertos, ter condição de frequentar e ser respeitados, independente da sua sexualidade, da sua vida, eu acho que tudo começou através da gente, tudo começou através de músicas, de músicos, de pessoas que nos deram muito exemplo e que a gente seguiu também. Então eu acho que a gente abriu portas, e abriu portas para um mundo melhor. Hoje as coisas são mais naturais, são mais respeitadas, e acho que todo mundo vive melhor assim. (Lolita, 66 anos)

Enfim, ainda que tenham evitado se exporem, criaram frestas que permitiram às novas gerações sair do armário que tentas vidas aprisionou.

Da invisibilidade à dignidade de existir

O breve panorama apresentado neste texto nos possibilita, não apenas conhecer os territórios pelos quais transitaram socialmente as mulheres entrevistadas, no tempo histórico delimitado, como também conhecer um pouco de suas vivências.

Ficou evidente que, os poucos bares e boates disponíveis na cidade, que serviram como espaços de socialização, foram fundamentais para a visibilidade lésbica possível à época. A orientação sexual dessa geração de mulheres se deu em um misto de ocultamento e revelação. Entre visibilidade e invisibilidade, a

depende da conveniência e do espaço, o risco precisava ser calculado. Ao Estado coube a conveniência; afinal, a invisíveis não cabem direitos.

A Rua da Lama recebeu um público feminino menos favorecido economicamente, dos três grupos com os quais trabalhamos, as identificadas com nomes de personagens da literatura - formado por lésbicas brancas, em sua maioria de classe média e com considerável capital cultural se referiram com desdém ao território que pouco frequentaram. Dois fatores se destacaram, a consequente exposição pública à qual estariam sujeitas na rua e o perfil das mulheres que ousaram frequentar.

Para mulheres mais velhas que gostam de mulheres os guetos foram necessários para a discreta vivência de suas experiências homoafetivas em um tempo no qual assuntos vinculados às demandas da população LGBTQIAPN+ ainda não compunham as pautas políticas de forma tão explícita quanto em tempos atuais.

Quanto às novas gerações, é possível que elas se sintam mais à vontade com a própria orientação sexual, tendo em vista o alargamento das normas sociais a partir do reconhecimento das uniões estáveis por pessoas do mesmo sexo (2011), ou da conversão daquele status em casamento civil (2013)⁹. Ou, ainda, devido ao significativo avanço advindo das políticas públicas ¹⁰.

Sem perder de vista que a homoconjugalidade represente uma assimilação das normas postas, é preciso considerar alguma relevância no longo caminho ainda a ser percorrido pela população LGBTQIAPN+ no campo da legitimidade de suas existências e desejos.

Finalizo com Monique Wittig (2022, p. 63), “serás-hetero-ou-não-serás” – que nos coloca diante do desafio de romper com valores hegemônicos se quisermos romper com as bases da ordem patriarcal, importante pilar para a manutenção da excludente sociedade heterocentrada na qual vivemos.

⁹ Cf. Resolução n. 175, de 14 de maio de 2013, do Conselho Nacional de Justiça.

¹⁰ Exemplos das políticas públicas implementadas podem ser encontrados na criação do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2001), no Programa Brasil Sem Homofobia (2004), no Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2009), no Programa Nacional de Direitos Humanos - PNDH (1996), no Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (2006), dentre outros.

Referências

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa Qualitativa com Imagem, Texto e Som*. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ, Vozes, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Cultural reproduction and social reproduction*. In: KARA

BEL, Jerome; HALSEY, A. H. *Power and ideology in education*. New York: Oxford University, 1977. p. 487-511.

CARVALHO, Tamara Teixeira de. *Caminhos do desejo: uma abordagem antropológica das relações homoeróticas femininas em Belo Horizonte*. 1995. 198 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 1995. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/95727>. Acesso em: 02 junho de 2026.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1996.

LENZI, Maria Helena; SILVA, Joseli Maria. ‘Faço de conta que eu não existo e você faz de conta que não me vê’: geografias lésbicas na ditadura militar em Florianópolis – SC, Brasil. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 9, n. 2, p. 114-152, 2018.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: política e identidade homossexual no Brasil da “abertura”*. Salvador: EDUFBA, 2018.

MALLIMACI, Fortunato; BÉLIVEAU, Verónica Giménez. Historia de vida y métodos biográficos. In: GIALDINO, Irene Vasilachis de (Coord.). *Estrategias de investigación cualitativa*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2006. p. 175-212.

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. *A homossexualidade feminina na história do Brasil: do esforço de construção de um objeto histórico ao desdobramento na construção da cidadania*. *Les Online*, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 2-19, 2015.

QUINALHA, Renan Honório. *Contra a moral e os bons costumes: a política sexual da ditadura brasileira (1964-1988)*. 2017. 329 f. Tese (Doutorado em Relações Internacionais) - Instituto de Relações Internacionais, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. *Uma crítica ao essencialismo identitário: a historiografia da mineiridade na primeira metade do século XX*. *História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography*, Ouro Preto, v. 8, n. 18, p. 248-265, 2015. Disponível em: <https://revistahh.emnuvens.com.br/revista/article/view/841> Acesso em: 02 junho de 2026.

SOUZA, Janice Aparecida de. *Vivências lésbicas na cidade de Belo Horizonte entre as décadas de 1970 e 2000: um retrato falado*. 2022. 226 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) -Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em <http://www.biblioteca.pucminas.br/acervo/552749>

VINUTO, Juliana. *A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto*. Temáticas, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 02 junho de 2026.

WACQUANT, L. *Os condenados da cidade. Estudo sobre marginalidade avançada*. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

_____. *Que é Gueto? Construindo um Conceito Sociológico*. Revista de Sociologia e Política, Paraná, n. 23 p.155-164, novembro de 2004.

WITTIG, Monique. *O pensamento hétero e outros ensaios*. Trad. Maíra Mendes Galvão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2022.